Colóquio do Grupo de Pesquisa Religiões, Identidade e Diálogos
Edição Comemorativa
Recife, 11 de março de 2019

800 ANOS DO ENCONTRO DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS COM O SULTÃO AL-MALIK AL-KAMIL: DA CELEBRAÇÃO INTER-RELIGIOSA DA ORDEM FRANCISCANA À IMPORTÂNCIA PARA OS DIAS ATUAIS

Faustino dos Santos*

Resumo

Em 2019, os franciscanos – religiosos e pessoas que se idenfiticam com o modo de vida de Francisco de Assis – recordam, em tom celebrativo, os oitocentos anos do encontro de Francisco de Assis com o Sultão do Egito Al-Malik Al-Kamil ocorrido em Damieta, no ano de 1219. A Família Franciscana, como assim se denominam os adeptos a esse estilo de vida, vê, nesse encontro, um marco importante para discussão e prática do diálogo inter-religioso e, a partir desse, uma possibilidade para a construção da paz e da fraternidade entre e além das diferentes crenças. Desse modo, este artigo se propõe a apresentar o evento do encontro entre Francisco e Al-Kamil, bem como relacioná-lo à necessidade sempre presente, de um diálogo inter-religioso eficaz a uma cultura de paz e fraternidade.

Palavras-chave: Diálogo Inter-religioso. Franciscanismo. Islã.

INTRODUÇÃO

O movimento franciscano leva o nome do "seu fundador" [1], Francisco, que viveu em Assis de 1182, ano do seu nascimento, a 1226, ano da sua morte.

Conforme ele escreve no seu testamento (FFs, 2004, p. 83), Francisco inicia uma vida de penitência e vários jovens do seu tempo o seguem. Em 1209, Francisco de Assis e alguns companheiros recebem a aprovação da regra de vida da Ordem dos Frades Menores pelo então Papa Inocêncio III (T, FFs, 2004, p. 84) [2]. Nesse período, o movimento iniciado pelo chamado "Pobrezinho de Assis" apresenta sinais de ligeiro crescimento.

* Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Bacharel em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF) e Mestrando em Teologia do programa PPGTEO da UNICAP.

[1] Vale recordar que Francisco de Assis não tinha interesse em fundar uma ordem religiosa, porém, pela quantidade de adeptos ao estilo de vida que ele abraçou, e para não ser confundido com algum movimento herético, pediu a aprovação de uma regra de vida à Igreja, fazendo surgir a Ordem dos Frades Menores.

[2] "[...] o próprio Altíssimo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do Santo Evangelho. E eu o fiz escrever com simplicidade e com poucas palavras e o senhor Papa [Inocêncio III] mo confirmou". Essa primeira

No ano de 1215, Francisco de Assis participa do IV Concílio de Latrão quando é convocada a V Cruzada que se pretendeu, entre as suas tarefas, retomar a Terra Santa, sob a estratégia de primeiro dominar o Egito, já que Jerusalém era controlado por ele. Tal cruzada se inicia apenas em 1218 com as tropas comandadas pelo Imperador do Sacro Império, Frederico II, e pelas tropas papais sob o comando do autoritário e insubordinado Cardeal Pelágio.

O Capítulo[3] dos frades menores de 1219 reafirma a decisão dos irmãos serem enviados em missões para além dos Alpes e também no Oriente Médio[4]. É nesse ano de 1219 que Francisco de Assis – munido da Bula Papal de Honório III, de 11 de julho de 1219, que o declara católico, bem como a seus confrades – juntamente com frei Iluminado acompanha os cruzados e chegam a Damieta, que é uma cidade portuária e servia de acesso ao Cairo, capital do Egito.

Tendo a tropa cruzada padecido em 29 de agosto de 1219, momento em que cerca de seis mil cristãos morreram, Francisco de Assis se dispõe a ir ao encontro do Sultão do Egito Al-Malik Al-Kamil[5], sob a autorização de Pelágio, embora esse não se sentisse responsável pelo risco que Francisco corria.

E os relatos mostram que foi possível a Francisco estabelecer um diálogo com Al-Kamil e ainda conviver alguns dias com ele. A mensagem que o pobre frade levava era de respeito e compreensão, embora as motivações eclesiais que o envolviam eram baseadas no desejo de conversão dos infiéis (sarracenos) ainda que isso lhe custasse o martírio.

aprovação é chamada de Regra não Bulada (RnB), uma vez que a aprovação dada foi de modo oral, apenas na segunda regra (RB) é que o Papa emite uma bula.

[3] Ocasião onde se reúnem os frades de diversos lugares para rezar, avaliar a caminhada e tomar/reafirmar decisões.

[4] Essa decisão já havia sito tomada no Capítulo de Pentecostes de 1217, porém, não foi executada.

[5] Al-Malik al-Kamel Naser al-Din Abu al-Ma'ali Muhammed, filho do Sultão Al-Adil e sobrinho de Saladino (responsável pela retomada de Jerusalém), foi o quinto Sultão do Egito e reinou de 1218 a 1238.

O ENCONTRO DE FRANCISCO COM AL-KAMIL: ALGUMAS INFERÊNCIAS

Descartando a suspeita que esse encontro possa não ter ocorrido, alguns registros[6] nos garantem que ele aconteceu de fato. Um dos biógrafos de São Francisco chamado Tomás de Celano, por exemplo, relata no seu primeiro livro, que está compilado nas chamadas Fontes Franciscanas (FFs), que Francisco de Assis se dispôs, ainda que pelo desejo martirial, a atravessar o mar e pregar a fé cristã aos sarracenos e infiéis: "no sexto ano de sua conversão, inflamando em veemente anseio do santo martírio, quis navegar para a região da Síria para pregar a fé cristã e a penitência aos sarracenos e outros infiéis" (1C, FFs, 2205, pp. 222-223).

Estando no cenário das cruzadas, Francisco e Iluminado, ao se dirigirem ao Sultão, foram raptados por algum tempo (cf. 1B, FFs, 2004, p. 501), mas conseguiram acesso a Al-Kamil, que, embora dentro do contexto medieval cristão, fosse demonizado pelas suas atitudes, revelou abertura e acolhimento à cordialidade e à paz[7].

Francisco de Assis vai encontrar-se com o Sultão, sobremaneira em nome de Deus, e o Sultão o acolhe, escuta-o e fica admirado com suas palavras (cf. 1B, FFs, 2004, p. 501).

Temos como cenário duas religiões irmãs: uma descendente de Ismael, filho de Abraão com a escrava Hagar, que gerou o povo árabe, representada por Al-Kamil, e a outra, descendente de Israel, filho de Abraão com Sara, que gerou o povo Judeu, de onde descende Jesus, representada por Francisco. Essas duas religiões que viviam em grandes conflitos em nome do poderio e da crença, dão uma trégua nos pré-conceitos e inimizades e estabelecem um encontro que resulta em respeito e admiração, revelando atitudes de cordialidade. Ambas as partes foram

[6] As Fontes Franciscanas dispõem de várias passagens sobre esse fato: 1C 20,55, 1B 9,8, 2C 4,30, TM 10.
[7] Para pôr fim ao conflito Al-Kamil ofereceu Jerusalém, bem como outras cidades em troca da retirada das tropas cruzadas do Egito, o que, porém, foi desprezado por Pelágio.

tocadas pela experiência do outro. Francisco oferece sua piedade e simplicidade, o Sultão, sua cordialidade.

Nos dias de convivência, Francisco descobre a vida de oração do Islã, percebe que não são uma raça abominável, e o Sultão percebe que nem todo cristão deseja a morte dos muçulmanos. A partir desse contato, o Sultão não conseguia ver em Francisco um cruzado, e Francisco não reconhecia tampouco o Sultão como perseguidor da fé. Francisco descobre no Sultão um homem pacífico e devoto que também acreditava num Deus único.

Num cenário de guerra, dois mundos inimigos se entrecruzam, fazem uma trégua. Por alguns dias, esses mundos se tocam em harmonia pela delicadeza das palavras e pela reverência de dois homens que se sentem filhos de Deus: o Deus da paz.

É possível inferir que "Francisco e Al-kamil 'uniram-se em favor da paz e da tolerância em meio à atmosfera de guerra e conflito durante as Cruzadas. Deram um exemplo de diálogo inter-religioso e compreensão recíproca'" (SEPIA, 2019).

Embora o mundo se tenha deixado marcar pela compreensão de "diálogo" há aproximadamente um século, Francisco de Assis consegue, com seu testemunho de vida, enriquecer tal conceito e deixar um importante legado desde muito antes.

Sua vida foi permeada por encontros e diálogos que o ajudaram a superar muitos muros. Francisco foi um homem marcado por constantes relações: com o Senhor da Cruz, com os leprosos, com a natureza, com o Sultão. Seus encontros nem sempre exigiam linguagem verbal, embora todos eles se configurassem como formas autênticas de dialogar.

Esses encontros tornam Francisco um homem sensível à humanidade e à criação. Na verdade ele se reconhece criatura divina, sente-se irmanado com o todo criado. Podemos constatar a sensibilidade de Francisco no modo como ele envia seus irmãos ao mundo:

> Aconselho ainda, admoesto e exorto os meus irmãos no Senhor Jesus Cristo que, ao irem pelo mundo, não entrem em litígios, nem em brigas de palavras vãs, nem julguem os outros, mas sejam brandos, pacíficos e modestos, mansos e humildes, falando honestamente com todos, como convém. (RB, FFs, 2004, p. 64).

A novidade de Francisco é que ele consegue contemplar em cada criatura uma ligação profunda com o Criador. E porque são criaturas de Deus, todos merecem respeito e obediência.

Um exemplo profundo presente na vida de Francisco é exatamente quando vai ao encontro do Sultão Al-Malik Al-Kamil junto com Iluminado. Embora marcado pelo desejo do martírio, bem como pelo anseio de tornar a Palavra de Deus conhecida, ao ser questionado, "responde o servo de Deus, Francisco, com o coração intrépido que não fora enviado por homem, mas por Deus Altíssimo" (1B, FFs, 2004, p. 501). Francisco é ouvido e permanece alguns dias com o Sultão que o descobre como homem de oração. "Cinco vezes por dia, Francisco e Iluminado ouvem o Muezim chamar para a oração" (ORDEM DOS FRADES MENORES, 2009, p. 77).

Pela experiência junto aos muçulmanos,

> O homem de Deus, vindo do país dos Francos, descobre, na luz divina, um aspecto desconhecido. Essas pessoas, não são apenas seus irmãos como criaturas, ele já o sabia; não são apenas seus irmãos por causa do sangue derramado por Jesus pela multidão, isso também ele o sabia; eles são seus irmãos também por essa comunhão na oração ao único Deus. (Ibidem, p. 77).

Esse encontro o desperta e marca profundamente sua vida e compreensão de missão, exemplo disso é quando envia seus confrades junto aos infiéis:

> Os irmãos que vão, porém, podem viver espiritualmente entre eles de dois modos. Um modo é: não entrem em litígios, nem em contendas, mas sejam súditos de toda humana criatura por causa de Deus e confessem serem cristãos. O outro modo é: quando virem que agrada ao Senhor, anunciem a palavra de Deus. (RNB, FFs, 2004, p. 51).

Francisco de Assis não teoriza sobre a importância do diálogo entre as religiões, mas ele mesmo se faz diálogo, revelando a importância de transcender as barreiras pessoais e institucionais. Ele não precisa negar a sua fé, mas a apresenta no seu modo mais autêntico.

É surpreendente a forma como Francisco se relaciona diante daquele contraditório e sangrento cenário. Embora convencido de que a forma indispensável para se travar uma paz duradoura fosse a conversão do Sultão e de seus súditos, Francisco não se apresenta como impositor da fé. Com sua postura, ele rompe com os padrões duma época onde as falas da Igreja são bastante injuriosas quanto aos "infiéis". Ele não usa de linguagem ofensiva à fé do Islã, não fere Maomé e não é insensível com o Sultão.

O encontro dessas duas figuras ensina que o autêntico modo de evangelizar se dá pelo testemunho de vida na simplicidade e cordialidade. Por isso

> Em sua Regra, Francisco recomenda aos irmãos que desejam ir entre os sarracenos, em primeiro lugar, que não se envolvam em discussões ou disputas e de serem sujeitos a toda criatura humana por amor de Deus. Eles deveriam proclamar a palavra de Deus somente no momento em que sabem que isso agrada ao Senhor. (ORDEM DOS FRADES MENORES, 2009, p. 61).

O encontro de Francisco com o Sultão sem dúvida torna a sua compreensão de fé mais ampla e mais rica. Esse singular encontro deixa um exemplo importantíssimo para a promoção da fraternidade universal.

Ele foi capaz de descobrir a ação de Deus presente no Islã e, pela descoberta dos valores muçulmanos, Francisco se tornou um irmão menor.

É verdade que o que Francisco sabia sobre o Sultão e a religião mulçumana era fruto de preconceitos ou resultado de conflitos interesseiros. E, embora fracassado no seu plano de ir aos "infiéis" com intuito de levar a fé, ele consegue encontrar um amigo. Esse elemento é nodal na construção da Regra de vida da Ordem nascente, por isso, na

"Carta Magna" da evangelização, ele apresenta especial atenção no modo como os frades deveriam ir aos sarracenos e infiéis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A IMPORTÂNCIA DESSE ENCONTRO PARA OS DIAS ATUAIS

O testemunho de Francisco, ocorrido oitocentos anos depois, inaugura um marco importante para o Cristianismo: a espiritualidade do encontro de Francisco oferece à Igreja uma memória de fraternidade, mesmo com aqueles tidos como seus opositores ou contrários a religião.

João Paulo II no documento Igrejas na Ásia (1999, n. 31) diz que:

> O memorável encontro de Assis, a cidade de São Francisco, a 27 de outubro de 1986, entre a Igreja Católica e os representantes das outras religiões mundiais, mostra que os homens e as mulheres de religião, sem abandonar as respectivas tradições, podem empenhar-se na oração e agir pela paz e o bem da humanidade. (JOÃO PAULO II, 1999, n. 31, apud ORDEM DOS FRADES MENORES, 2009, p. 67).

O encontro de Francisco com o Sultão, bem como com os leprosos e com todos os seres criados é, antes de qualquer coisa, uma ação de paz. O carisma do diálogo de Francisco deixa um testemunho de compromisso e reverência pela ação de Deus presente na humanidade, nas criaturas e nas religiões. "Enquanto a Igreja mandava os cristãos para as cruzadas para combater e matar os sarracenos, expulsando-os pela força da Terra Santa, Francisco mandava que seus irmãos vivessem entre eles na paz e sujeitos a eles" (ORDEM DOS FRADES MENORES, 2009, p. 61).

A responsabilidade de continuar alimentando a cultura do respeito, da acolhida do diferente e do compromisso comum é de todas as crenças. O diálogo inter-religioso será possível se, no encontro mútuo dos crentes, houver um esforço conjunto de buscar a Deus pelo testemunho da fraternidade. É pela busca comum da experiência fundamental religiosa, ou seja, o esforço de busca pela Verdade, que está entre e além de cada

religião, que será possível testemunhar a paz e a justiça no mundo marcado pela pluriculturalidade.

Intolerância e violência só geram atrocidades. É preciso agir com a simplicidade, humildade e respeito com aquelas pessoas, crenças, culturas, que são diferentes, pois só "a fraternidade promove o crescimento de todo ser humano" (Ibidem, loc. cit.).

O encontro desses homens desafia muitas posturas religiosas chauvinistas nos tempos atuais. É um convite a sair dos muros que buscam sufocar a verdade e ir além. Afinal,

> A verdade está sempre "além". Nenhuma religião pode renunciar àquilo que crê, mas pode ser solicitada a buscar a plenitude da verdade, jamais completamente possuída. Trata-se de alargar o próprio horizonte até o ponto de 'compreender' o horizonte do outro (J.Neusner). (Ibidem, p. 65).

Esse evento singular que, para os franciscanos, é uma marca importante a ser celebrada, desperta o compromisso dos franciscanos para agirem como outros "Franciscos" no tempo presente, capazes de irem ao encontro das diferenças muitas vezes transmitidas como rivais ou opositoras. Porém, para tornar eficaz a paz é importante que a cultura da tolerância encontre acolhida nas casas de fé e no compromisso de cada pessoa. É necessário que cada um se esforce por tornar cada crença protagonista de uma fraternidade que torna sólida a paz e o bem de todos, sobretudo dos mais necessitados.

REFERÊNCIAS

AUTIERI, di Felice. Un annuncio di Pace testimoniare la presenza di Dio – Nell'incontro tra Francesco di Assisi e il Sultano Al-Kamil. In: **San Bonaventura Informa**, Anno VI – N° 63. Pontificia Facolta Teologica "San Bonaventura" Seraphicum, Roma – IT, 2018. Pgs. 09 – 13.

ANTINUCCI, Lucia. **Seguire Cristo alla maniera di Francesco – La vocazione laicale second la Regola dell'Ordine francescano secolar**e. Ed. Messaggero Padova, Padova – IT, 2011.

BEER, F. De. São Francisco e o Islã. In: **Concilium**/ 169 – 1981/9. Ed. Vozes, Petrópolis – RJ, 1981. Pgs. 16 [1164] – 29 [1177].

FONTES FRANCISCANAS (FFs). Edição comemorativa 8º Centenário da Conversão de São Francisco. Frei Dorvalino Francisco FASSINI (Org). Santo André: Mensageiro de Santo Antônio, 2004.

FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS (FFC). Apresentação Sergio M. DAL MORO. Tradução Celso Maria Teixeira… (et. al.) Ed. Vozes-FFB: Petrópolis – RJ, 2004.

MESSA, di Pietro. Il Cibo tra Frate Francesco e il Sultano – L'alto valore reale e simbolico del nutrimento. In: **San Bonaventura Informa**, Anno VI – N° 66/67. Pontificia Facolta Teologica "San Bonaventura" Seraphicum, Roma – IT, 2018. Pgs. 12 – 13.

ORDEM DOS FRADES MENORES. **O diálogo dos crentes: na esteira de São Francisco**. Cúria geral OFM. Secretariado da evangelização. Coleção Serviço para o diálogo. Tipografia Editrice Esca di Vicenza. Roma 2009.

SEPIA, Cecilia. **Paquistão e os 800 anos do encontro de São Francisco com o Sultão do Egito**. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-01/paquistao-cristaos-muculmanos-800-anos-encontro-francisco-sultao.html>. Acesso em: 07 de março de 2019.

SCOGNAMIGLIO, Edoardo. Il dialogo con l'Islam. In. **CEFID (Centro Francescano Internazionale per il Dialogo. Il diálogo Ecumenico e Interreligioso)**. O.F.M. Conv. Assisi - IT, 2011. Pgs. 148 – 158.

TOLAN, John. **St. Francis and the Sultan: The Curious History of a Christian-Muslim Encounter**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

WISNIEWSKI, di Dariusz. Lo "stile" missionario di Francesco di Assisi tra i Musulmani – Per imparare ad andare non "contro" o "presso" qualcuno ma "in mezzo". In: **San Bonaventura Informa**, Anno VI – N° 66/67. Pontificia Facolta Teologica "San Bonaventura" Seraphicum, Roma – IT, 2018. Pgs. 14 – 16.